

Realpolitik e teoria da tripolaridade: causas da derrota de Hitler na Segunda Guerra Mundial

DOI: <https://doi.org/10.31990/agenda.2022.1.9>

 Mateus Matos

Doutorando e Mestre em Economia Política Internacional pelo PPG em Estudos Estratégicos Internacionais (UFRGS).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6995-174X>. E-mail: mateus.webber@hotmail.com.

RESUMO: Este trabalho se propõe a debater o conceito da *Realpolitik* inserido no âmbito da Segunda Guerra Mundial, em especial nas figuras de Joseph Stalin, Franklin Delano Roosevelt e Adolf Hitler. A *Realpolitik* capacita o líder a prezar pela sobrevivência do seu Estado. Buscamos compreender em que medida a observância de Hitler ao conceito foi importante para o desfecho da Segunda Guerra Mundial. Utilizaremos a metodologia qualitativa bibliográfica como fonte de pesquisa, acessando trabalhos em português e inglês. Outro pilar constitutivo deste artigo é a inovadora Teoria da Tripolaridade desenvolvida por Randall Schweller, cuja premissa básica indica Estados Unidos, Alemanha e União Soviética como os três polos de poder mundial na década de 1930. A *Realpolitik* será inserida na Teoria de Schweller para o melhor entendimento dos motivos que ocasionaram a derrota alemã em 1945. Ao final, percebemos que Hitler conduzia sua política externa a partir da conveniência de seus próprios interesses.

PALAVRAS-CHAVE: Realpolitik; Hitler; Segunda Guerra Mundial; Tripolaridade.

Recebido em: 24/10/2020

Aprovado em: 15/12/2020

1 Introdução

O presente trabalho promove uma reflexão sobre o conceito da *Realpolitik* e sua relação com a figura do ditador alemão Adolf Hitler. O objetivo geral é verificar a possível utilização dos preceitos da *Realpolitik* por Hitler, entre 1930 e 1941, à luz da Teoria da Tripolaridade e suas implicações no término da Segunda Guerra Mundial. Desenvolvida por Randall Schweller, esta teoria afirma que o panorama internacional imediatamente anterior à Segunda Guerra era marcado pela constituição de três polos de poder. Estados Unidos, União Soviética e Alemanha representavam estes polos, cada qual



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

com seus interesses particulares. Portanto, a escolha por esses três atores não significa que França, Grã-Bretanha, Japão e Itália não fossem grandes potências, pertencendo, contudo, a um nível abaixo dos polos citados anteriormente (SCHWELLER, 1998).

A relevância desta pesquisa situa-se na tentativa de debater a existência de uma lacuna na teoria de Schweller, qual seja, a incorporação da *Realpolitik* ao contexto da Segunda Guerra Mundial e a distribuição de poder no sistema. Desse modo, discute-se a inconsistência relativa às decisões de Hitler. Ora marcadas por sua ideologia ora pela *Realpolitik*, as atitudes do ditador são caracterizadas, sobretudo, pela inexistência de linearidade lógica. Ao mesmo tempo em que recolocava a Alemanha como um Estado importante nas relações internacionais e formalizava um pacto de não-agressão com Stalin, ao final da década de 1930, Hitler agiu contrariamente à *Realpolitik* ao invadir a União Soviética e declarar guerra aos Estados Unidos, em 1941.

Por fim, percebe-se que Hitler conduziu sua política externa a partir da conveniência de seus próprios interesses. A *Realpolitik* era utilizada à serviço de sua ideologia. Surge então o seguinte questionamento: como a *Realpolitik* ajuda a entender a estratégia e as decisões tomadas por Hitler durante a Segunda Guerra Mundial? Com o intuito de refletir sobre esta pergunta, será utilizada a metodologia qualitativa bibliográfica como fonte de pesquisa, com buscas em bases científicas conhecidas (SciELO, Portal de Periódicos CAPES, Scopus), que foram avaliadas, selecionadas e obedeceram à organização temática. As palavras-chave utilizadas foram: *Realpolitik*, Hitler, Tripolaridade, Segunda Guerra Mundial. Os idiomas foram: inglês e português. O método qualitativo foi escolhido dado que não restringe a pesquisa à sua aparência superficial, pois busca explicar as essências, relações, origens e intuir consequências sobre o caso estudado.

2 A *Realpolitik* no pensamento de Ludwig August Von Rochau

A *Realpolitik* é ainda hoje um conceito difuso dentro do campo das Relações Internacionais. Em vista disso, a definição empregada será extraída do livro de John Bew (2015), obra fundamental para desvelar as origens do termo. Sem isso não é possível, de forma clara, a assimilação da *Realpolitik*. Bew traz a figura quase desconhecida na área acadêmica de Ludwig August von Rochau, alemão responsável pela alcunha do termo. Em virtude da inacessibilidade dos escritos de Rochau, a interpretação da *Realpolitik* será realizada a partir da análise de Bew.

A *Realpolitik* em Rochau é o simples cálculo político dos fatos, indo na contramão de qualquer tipo de delírio e de atitudes intempestivas (BEW, 2015). Ademais, seu emprego requer um planejamento de atuação futura ao invés da simples aceitação dos fatos dados (BEW, 2015). Cálculos políticos requerem a consideração de todas as possibilidades possíveis dentro de um plano, assim como suas implicações. Exigem também o exame de variados pontos de vista, na medida em que estes abarcam os diferentes prismas de determinado evento. Desse modo, o uso da *Realpolitik*, no que diz respeito aos interesses do Estado, era necessária e serviria de alicerce para a posterior realização das demandas sociais. Segundo Bew, “Para Rochau, o estado era um *Realpolitiker* natural” (2015, p. 56, tradução do autor¹). A perseguição destes interesses nem sempre ocorre de forma pacífica, o que não contraria as premissas da *Realpolitik*. Se o conflito for imperativo, ele deve ser utilizado para o bem do Estado. Ainda que, no fim, o resultado não seja alcançado de forma plena, há a possibilidade de atingi-lo no futuro. Neste caso, o praticante da *Realpolitik* pode, momentaneamente, contentar-se com resultados parciais (BEW, 2015).

259

Rochau estabeleceu quatro principais premissas que eram a base do seu pensamento político sobre a *Realpolitik*, a saber: 1) a lei da força como fator determinante na política; 2) a incorporação das forças sociais mais poderosas dentro da estrutura do Estado e a conciliação de suas reivindicações dão origem à mais perfeita forma de governo, isto é, quanto mais harmônico internamente for um país maior será sua magnitude potencial; 3) as ideias são relevantes no campo político, mas seu papel tem sido amplamente mal interpretado; e, por fim, 4) a modernidade alterou a natureza do Estado e com isso a opinião pública assumiu um papel de extrema relevância na trajetória política da nação (BEW, 2015).

Quanto à primeira premissa, Rochau acreditava que a arte de governar era, em última análise, o ato de exercer poder. Aquele que obtivesse o poder em sua forma pura era capaz, por si só, de comandar um Estado. Rochau asseverou que o fracasso das revoluções liberais europeias, de 1848, foram originados pela má interpretação, por parte de seus integrantes, da natureza da soberania e da política e sua intrínseca ligação com o poder. A soberania de um Estado não deveria ser entendida como sendo de posse exclusiva de qualquer classe social. Para além de um direito natural, a soberania era um

¹ Traduzido do original: “For Rochau, the state was a natural *Realpolitiker*” (BEW, 2015, p. 56).

reflexo do poder (BEW, 2015). É irracional considerar este último como submisso à lei. Para Bew “O poder só obedece a um poder maior” (2015, p. 33, tradução do autor²).

A premissa seguinte era uma crítica direcionada aos governantes e seu desinteresse pela inclusão de algumas camadas sociais na estrutura do Estado. À medida que o sentimento de coesão nacional floresce, juntamente com a harmonização dos anseios populares, há, espontânea e paulatinamente, maior projeção e uma ampliação do poder deste Estado no cenário internacional frente a seus pares (BEW, 2015). Isto posto, a classe que comanda o Estado deve se apoiar menos na fortuna do que no planejamento estratégico nacional que englobe as mais variadas demandas da população.

Por ser um filho do Iluminismo, Rochau defendia que “a gradual disseminação da educação e da riqueza era a força motriz da mudança histórica” (BEW, 2015, p. 38-39, tradução do autor³). Em outras palavras, e corroborando a terceira premissa, educação e riqueza eram dois fatores basilares para o entendimento das transições políticas ocorridas dentro de um estado. O governante que se recusasse a aceitá-lo não era digno de sua posição. O conhecimento e os ideais são partes constitutivas da política. A “autoilusão” do governante é que vai de encontro à *Realpolitik*.

260

Enfim, a última premissa ressaltava o crescente poder de influência que não só a opinião pública como também os meios de informação – notadamente jornais – exerciam sobre as decisões políticas, moldando interesses e interferindo até mesmo em uma possível declaração de guerra (BEW, 2015). Esta influência, no entanto, era obstaculizada pela fragmentação dos estados alemães. Somente a partir da unificação dos reinos é que seria possível uma articulação de suas aspirações.

3 A *Realpolitik* nos três polos de poder global

Esta segunda parte apresenta um breve apanhado histórico dos fatos ocorridos na Alemanha, na União Soviética e nos Estados Unidos e suas correlações com a *Realpolitik*. O recorte temporal delimitado compreende um período anterior ao rompimento da Segunda Guerra Mundial, em virtude da necessidade de se analisar as ações dos governantes tanto em tempos de paz quanto em conflito. Já a escolha por findar o estudo no ano de 1941 se deu não só por motivos de concisão como também por representar a data em que o embate tem desdobramentos essenciais para a observação e compreensão

² Traduzido do original: “Power obeyed only greater power” (BEW, 2015, p. 33).

³ Traduzido do original: “(...) the gradual dissemination of education and wealth was the driving force of historical change” (BEW, 2015, p. 38-39).

da *Realpolitik*. O Pacto Ribbentrop-Molotov de não agressão e a Operação Barbarossa⁴ se afiguram como dois dos eventos mais paradigmáticos deste estudo, visto que refletem no resultado da guerra.

Quanto à teoria, optou-se pela abordagem de Schweller. Em sua obra *Deadly Imbalances*, de 1998, o autor propõe uma nova visão acerca da distribuição de poder global nas décadas de 1930 e 1940. Schweller enxerga o cenário internacional dominado pelos três polos de poder – Estados Unidos, Alemanha e União Soviética –, cabendo ao restante das potências uma posição periférica no sistema. A distinção entre polos e potências menores será explicitada posteriormente. Schweller sugere, ainda, uma aferição quantitativa do poder através do tamanho relativo dos recursos militares, produção industrial e população destes estados.

A tripolaridade sistêmica apresentada por Schweller, juntamente com o conceito da *Realpolitik*, são as estruturas basilares no entendimento das causalidades do fracasso estratégico de Hitler. Ao não considerar as capacidades e os objetivos dos outros dois polos, o governo alemão não cogitou uma aliança forte o suficiente para derrotá-lo. O abandono de uma relação mais próxima com Stalin fez com que a balança de poder global pendesse contra os objetivos nazistas, ao contrário do que supunha Hitler. Adicionalmente à rejeição de um alinhamento por parte da Inglaterra, esta manobra do líder alemão gerou uma grande instabilidade sistêmica. Estados Unidos e União Soviética estavam dispostos a equilibrá-lo às custas da ruína de Hitler.

3.1 A Realpolitik na Alemanha

(...) a política externa de Hitler era guiada não pela segurança, mas ao contrário pela sua obsessão de se tornar o mestre da Europa e depois do mundo. Para mudar o *status quo* a favor da Alemanha, Hitler estava disposto a pagar altos preços e correr grandes riscos (SCHWELLER, 1998, p. 27, tradução do autor⁵).

O encerramento da Primeira Grande Guerra trouxe instabilidade política e econômica à Europa, sem mencionar a destruição física da maioria de seus países. Nesse ínterim, alguns estados

⁴ Operação militar deflagrada em 22 de junho de 1941 que, segundo Overy (2004, p. 350, tradução do autor), tinha por objetivo “esmagar o Exército Vermelho em questão de semanas e ocupar a vasta área conhecida como ‘Linha AA’, de Archangel ao extremo norte de Astrakhan na entrada do [rio] Volga no extremo sul. [...] Toda a campanha fora prevista na suposição que as forças soviéticas não seriam páreas para as alemãs e seriam rapidamente derrotadas”. Já na visão de Hastings (2011, p. 181) “Barbarossa foi [...] não apenas uma operação militar, mas um programa econômico calculado para provocar a morte de dezenas de milhões de pessoas, objetivo parcialmente alcançado”.

⁵ Traduzido do original: “Hitler’s foreign policy was driven not by security but instead by his obsession to become master of Europe and then the world. To change the status quo for Germany, Hitler was willing to pay high costs and take great risks” (SCHWELLER, 1998, p. 27).

presenciaram mudanças significativas em suas estruturas de poder, como foi o caso da Alemanha. Após a derrota no conflito, surgiu a República de Weimar. Esta guinada republicana alemã, no entanto, perdurou por pouco mais de uma década. Em 1933, Adolf Hitler ascendeu ao cargo de Primeiro-Ministro e, a partir de então, empreendeu diversas diretrizes voltadas à recuperação econômica e militar da Alemanha. Concomitantemente, costurou alianças externas que foram responsáveis pelo abastecimento da indústria de guerra. Tais medidas estavam vedadas pelo Tratado de Versalhes. O caráter revisionista⁶ de Hitler, contudo, fez com que o acordo fosse ignorado em prol do rompimento da ordem estabelecida.

Hitler sabia que o estabelecimento de parcerias era vital para a manutenção de seu plano. Todavia, deveriam contar com poucos membros. A razão era simples: quanto menor o número de aliados maiores são os espólios individuais. Seu plano inicial era aliar-se à Inglaterra, unindo os vastos recursos militares alemães à poderosa marinha inglesa. Uma vez concretizado o alinhamento, à Alemanha caberia a expansão continental (SCHWELLER, 1998). No caso em questão, a ideologia exercia um papel de afastamento entre ingleses e alemães. Enquanto os primeiros prezavam pela continuidade da balança de poder vigente, os últimos almejavam a dilatação de seu império mediante incorporação de territórios vizinhos, contrariando as premissas básicas da *Realpolitik*.

Sendo assim, uma possível aliança com a Inglaterra estava rechaçada. Dada a reconhecida rivalidade e o sentimento de revanchismo pela derrota na Primeira Guerra, a França era outro Estado com o qual a Alemanha não cogitava um alinhamento. No âmbito continental, havia somente duas outras potências disponíveis, a saber: Itália e União Soviética. Em contraste com o que ocorrera com a Inglaterra, a Alemanha de Hitler partilhava da ideologia revisionista da Itália de Benito Mussolini. Em grande medida, foi isso que uniu os dois países até 1945. Ademais, ambos contavam com estruturas de poder semelhantes, centradas na figura de um ditador com posições políticas marcantes.

Contudo, ainda que houvesse muito em comum entre Hitler e Mussolini, aquele acreditava que a Itália não era parceiro forte o suficiente. De acordo com Moorhouse (2014, p. 36, tradução do autor⁷), em um discurso a seus generais, Hitler afirmara que “só existem três grandes estadistas no

⁶ Na visão de Schweller (1998, p. 40, tradução do autor) potências revisionistas são “estados que procuram aumentar seus recursos e para os quais os ganhos em uma expansão não-segura excedem os custos de guerra”.

⁷ Traduzido do original: “there are only three great statesmen in the world, Stalin, I and Mussolini. Mussolini is the weakest” (MOORHOUSE, 2014, p. 36).

mundo: Stalin, eu e Mussolini. Mussolini é o mais fraco”. Sendo assim, Hitler vislumbrou em um pacto com os soviéticos o primeiro passo de uma estratégia que o levaria à conquista continental. O sentimento que tornava capaz esta união era o ódio em comum pelos países de regime democrático e suas instituições (MOORHOUSE, 2014).

Em seus planos, ao apaziguar o *front* Leste, não só poderia concentrar seus esforços a Oeste como também manter uma rica fonte de recursos. Foi o que ocorrera em 1939, com a assinatura do Pacto de Não-Agressão Ribbentrop-Molotov. Tal documento previa que os soviéticos deveriam abastecer a indústria alemã com matérias-primas como ferro e petróleo. Em contrapartida, Hitler cederia equipamentos de uso militar ao tecnologicamente defasado exército soviético. Por outro lado, esta união foi vista pelos demais países como a constatação do mútuo sentimento de misantropia (MOORHOUSE, 2014). O que se pode inferir, no fim, é que ambos os países se beneficiaram desta jogada diplomática, muito embora os objetivos reais de Hitler – que mais tarde seriam desvelados – tenham sido encobertos.

Além disso, havia outra razão para as atitudes de Hitler na década de 1930: a flutuação da balança de poder econômico mundial. Apesar de contar com uma economia mais robusta e diversificada do que a Inglaterra e a França juntas, os espectros norte-americano e soviético atormentavam Hitler. Distante das adversidades vividas com a Grande Depressão de 1929, os poderes comercial e financeiro dos Estados Unidos atingiram níveis consideráveis, sendo superiores à soma das três principais economias europeias, a saber: França, Inglaterra e Alemanha (TAYLOR, 1961).

Não obstante, o maior temor vinha do Leste. A União Soviética era a obsessão de Hitler, muito porque os soviéticos excediam em cerca de 15 vezes o crescimento percentual alemão, número que, na Inglaterra, subia para quase 24 vezes (TAYLOR, 1961). Com vistas a incorporar tamanha produtividade à economia da Alemanha, em 1941, Hitler conquistou justamente esta porção mais desenvolvida da União Soviética. Overy (2004, p. 542, tradução do autor⁸) traduz as conquistas germânicas em porcentagens:

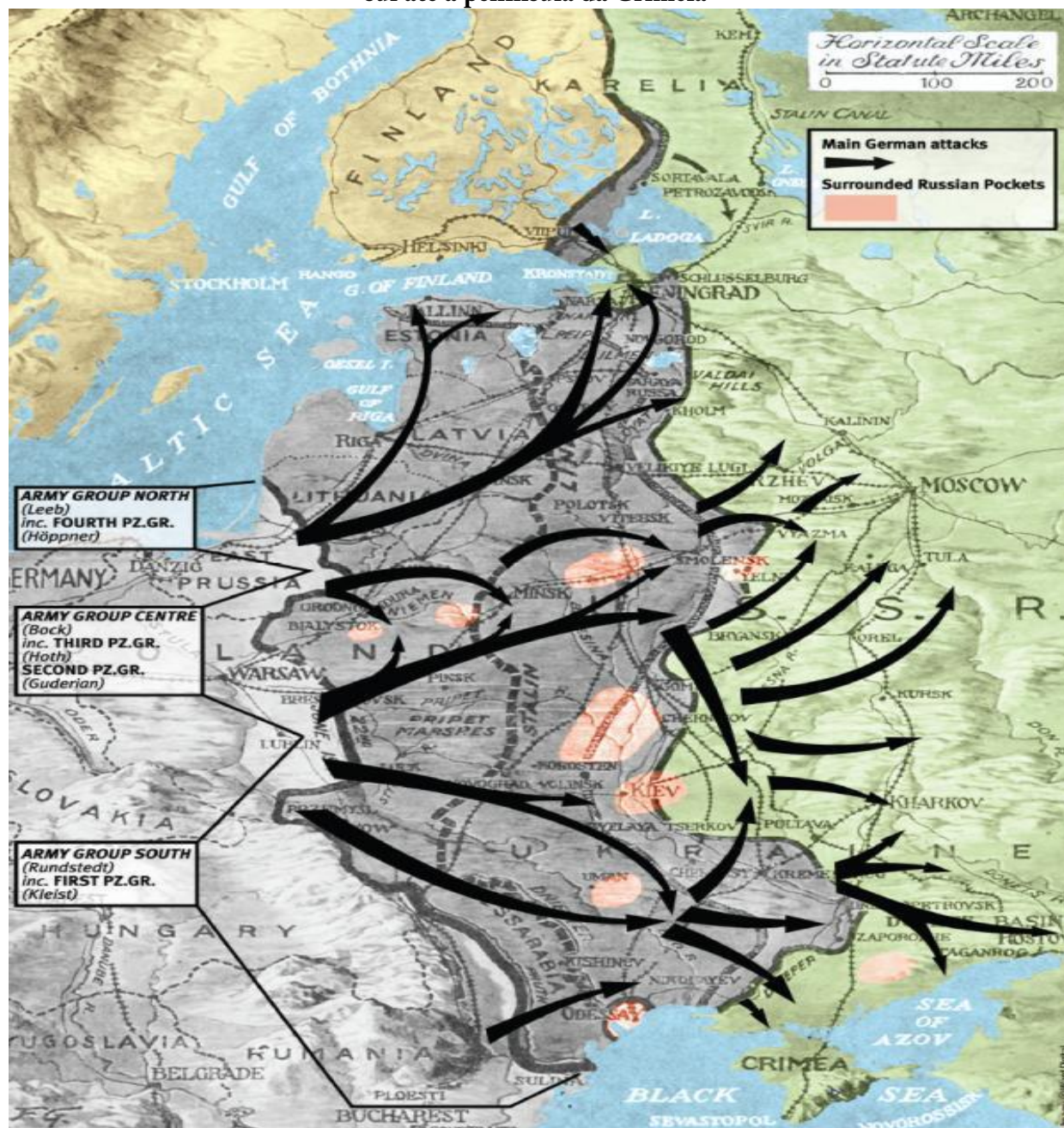
⁸ Traduzido do original: “The occupied regions contained 60 per cent of Soviet livestock supplies, 40 per cent of the grain area, and 84 per cent of sugar production. These were also the main centres of Soviet industrial output, containing approximately two-thirds of the coal, pig-iron and aluminium capacity of the Soviet Union [...]. The occupied zone contained more than 40 per cent of the Soviet population, and 32 per cent of the industrial workforce, many of them potential soldiers and workers lost to the Soviet war effort” (OVERY, 2004, p. 542).

As regiões ocupadas continham 60% da criação de gado, 40% da produção de grãos, e 84% da produção de açúcar. Esses eram também os principais centros de escoamento industrial soviético, contendo aproximadamente dois-terços da capacidade de produção de carvão, ferro-gusa e alumínio da União Soviética. [...] A zona ocupada continha mais de 40% da população soviética, e 32% da força de trabalho industrial, muitos deles potenciais soldados e trabalhadores perdidos para o esforço de guerra soviético.

Conforme a Figura 1, a seguir, os três *fronts* abertos por Hitler eram de vital importância para os soviéticos. Ao Norte, sob o comando do marechal-de-campo Wilhelm von Leeb, os alemães rumavam à antiga capital Leningrado, base da Frota Báltica Soviética e um dos berços da Revolução Comunista, de 1917. Ao centro, liderados pelo também marechal-de-campo Fedor von Bock, o exército nazista se direcionava à Moscou, principal centro estratégico de comando do Exército Vermelho e capital do país. Ao Sul, o terceiro marechal-de-campo, Gerd von Rundstedt, comandou as forças nazistas na Batalha de Kursk, que ocorreu em uma das regiões com maior produção de aço e carvão da Rússia.

Os bolsões em rosa indicam as posições soviéticas que foram isoladas pelo avanço nazista, fazendo com que suas comunicações se tornassem praticamente inviáveis. As bases dessa estratégia alemã eram a velocidade e a ocupação de todo o perímetro soviético que fazia fronteira com a Europa, na esperança de uma invasão nazista à Moscou em poucas semanas.

Figura 1 - Estratégia de invasão nazista sustentada por três principais *fronts*: norte em direção à cidade de Leningrado; central visando a ocupação de Moscou; e, por fim, o *front* sul até a península da Criméia



Fonte: Military History Monthly (2001).

Em suma, no período em questão, o uso da *Realpolitik* na Alemanha não foi linear. Hitler se utilizou em grande medida da prática de conquista global. Para Smith (1986, p. 231, tradução do autor)⁹ “Hitler conduziu por si só a incorporação, dentro de um esquema geral para a expansão

⁹ Traduzido do original: “Hitler himself also managed to incorporate into his general scheme for German expansion a substantial amount of the *Weltpolitik* approach as well” (SMITH, 1986, p. 231).

germânica, também uma quantidade substancial da lógica da *Weltpolitik*". As aversões de Hitler tanto pelo comunismo quanto pelas democracias não o impediram de costurar algumas alianças pontuais para a Alemanha. Contudo, colocou em risco a sobrevivência do Estado alemão, contrariando os preceitos básicos da *Realpolitik*. A invasão do território soviético no verão de 1941 comprovou que, na busca pelo *Lebensraum*, a política externa de Hitler era guiada pela ideologia (SMITH, 1986).

3.2 A Realpolitik na União Soviética

Stalin era de fato um monstro; mas na condução das relações internacionais, ele era o supremo realista – paciente, perspicaz, e implacável, o Richelieu de sua era (KISSINGER, 1994, p. 333, tradução do autor¹⁰).

O Leste europeu adaptou com maestria a *Realpolitik* à sua realidade. Enquanto as democracias liberais do ocidente falhavam na tentativa de conter os intentos bélicos de Hitler, Stalin soube lê-los de maneira clara em grande parte das situações. Ao ignorarem uma aliança com a União Soviética, França e Inglaterra criaram um “cordão sanitário” a Leste capaz de alienar Stalin de suas decisões (TAYLOR, 1961). Esse foi um dos fatores que possibilitou o alinhamento entre Stalin e Hitler em 1939. Ao notar o desinteresse ocidental em conter a Alemanha, Stalin se viu diante de uma oportunidade de não só enfraquecer seus inimigos como também de angariar recursos militares que seriam importantes na própria defesa do território a partir de 1941 (HASTINGS, 2011). Segundo Gorodetsky (1990, p. 36, tradução do autor¹¹).

A política externa soviética no despertar do pacto Ribbentrop-Molotov não pode ser atribuída convincentemente nem à tirania extravagante de Stalin tampouco a um expansionismo implacável. Essa política, ao contrário, parece ter sido racional e de um nível inescrupuloso de *Realpolitik*. Um reexame cuidadoso da política externa soviética em 1939-1941 valida a interpretação que o pacto foi assinado em razão da fraqueza relativa da União Soviética.

Ao passo que o conflito mundial se materializava em um futuro não muito distante, as potências ocidentais perceberam que Stalin poderia ser um aliado relevante. O centro diplomático

¹⁰ Traduzido do original: “Stalin was indeed a monster; but in the conduct of international relations, he was the supreme realist – patient, shrewd, and implacable, the Richelieu of his period” (KISSINGER, 1994, p. 333).

¹¹ Traduzido do original: “Soviet foreign policy in the wake of the Ribbentrop-Molotov pact cannot convincingly be attributed either to Stalin’s whimsical tyranny or to a relentless expansionism. The policy rather seems to have been rational and Level-headed-unscrupulously realpolitik. A careful reexamination of Soviet foreign policy in 1939-1941 validates the interpretation that the pact was signed because of the Soviet Union’s relative weakness” (GORODETSKY, 1990, p. 36).

europeu não estava mais a Oeste do continente. Estava estabelecido no outro extremo, em Moscou. Stalin se via agora em uma posição favorecida, podendo optar pela parceria com Inglaterra e França ou uma aliança com Hitler (BULLOCK, 1998; HASTINGS, 2011). Juntar-se ao primeiro grupo significava um compartilhamento de ideias natural, dado que todos recebiam o imperialismo alemão. No entanto, Stalin recordava a indiferença de ambos os governos antes de a Alemanha tornar-se um perigo.

Um dos erros estratégicos de Stalin, entretanto, foi acreditar na racionalidade de seu oponente alemão e reiterar a manutenção da neutralidade quando da ocupação de 1941. De acordo com a estratégia soviética, Hitler não arriscaria uma guerra em dois *fronts*. Stalin atribuía a seus adversários a mesma capacidade de leitura do contexto internacional da qual se utilizava, e esta foi uma de suas raras falhas. Até o rompimento da incursão germânica em junho de 1941, o líder soviético acreditava que uma possível negociação poderia frear a marcha do exército inimigo (KISSINGER, 1994).

A fantasia de Hitler, no entanto, estava se realizando e nem mesmo a frieza e racionalidade de Stalin poderiam convencê-lo do contrário. O lapso soviético foi “Mesmo no começo de 1941, quando a invasão alemã nos Bálcãs e o desdobramento no Leste reduziu a manobrabilidade soviética ao mínimo, eles [soviéticos] continuaram a enfatizar sua neutralidade” (GORODETSKY, 1990, p. 33, tradução do autor¹²). Apesar da leitura equivocada dos objetivos de Hitler, Stalin se encontrava em uma posição cujas consequências poderiam ser amenizadas.

Muito embora a política externa de Stalin tenha sido caracterizada pela frieza e pela maximização do poder soviético, sua política interna foi essencialmente baseada na ideologia comunista. Com o intuito de preservar os princípios da revolução de 1917, Stalin não poupou nem mesmo membros de seu próprio partido. Tal fato é evidenciado quando Kissinger (1994, p. 337, tradução do autor¹³) declara que “A paranoia de Stalin era amplamente demonstrada pela eliminação de todos os seus potenciais rivais domésticos e o assassinato ou deportação de outros milhões que se

¹² Traduzido do original: “Even at the beginning of 1941, when the German encroachment in the Balkans and deployment in the East reduced Soviet manoeuvrability to the bare minimum, they continued to stress their neutrality” (GORODETSKY, 1990, p. 33).

¹³ Traduzido do original: “Stalin’s paranoia was amply demonstrated by his elimination of all potential domestic rivals and the murder or deportation of millions more who opposed him only in his fantasies” (KISSINGER, 1994, p. 337).

opuseram a ele somente em suas fantasias”. Outra evidência da rígida gestão stalinista foram os *gulags*¹⁴, cuja criação era justificada a partir da segurança do Estado soviético e da unidade nacional. Desse modo, a ideologia era empregada como um mecanismo de controle social e político (KISSINGER, 1994).

Apesar das falhas pontuais na condução da política externa e do rígido controle interno, a Inglaterra via em Stalin um líder com capacidades ímpares. Diferentemente das potências ocidentais, este não tardou a perceber que outra guerra mundial se avizinhava com a ascensão de Hitler (MEARSHEIMER, 2001). Na visão dos ingleses, a condição primordial para um bom relacionamento entre estados é a crença conjunta na segurança coletiva (KISSINGER, 1994). A União Soviética divergia dessa asserção. Em consonância com as diretrizes implementadas por Lênin durante os primeiros anos após a Revolução Russa, Stalin primou pela maximização do poder relativo do Estado soviético no decorrer de seu governo.

Em 1939, Churchill (2004, p. 148, tradução do autor¹⁵), em um de seus famosos discursos para membros do exército britânico, declarou: “Eu não consigo prever a ação russa para vocês. É um enigma, presa em um mistério, dentro de um enigma; mas talvez haja uma chave. Essa chave é o interesse nacional russo”. À medida que tanto Inglaterra quanto França refutavam um alinhamento com Stalin, ainda que pontual, uma aliança Nazi-Soviética se cristalizava. Excetuando o pacto anteriormente mencionado, a delimitação dos interesses soviéticos no âmbito da política externa era realizada visando o longo prazo. Ao mesmo tempo em que havia uma inegável influência dos preceitos comunistas na tomada decisão da cúpula soviética, esta era subordinada à sobrevivência do incipiente estado revolucionário. Todas as vezes em que a ideologia e a *Realpolitik* entravam em confronto, a segunda saía vitoriosa.

À semelhança dos ingleses, o governo francês pouco fez em termos diplomáticos e militares para conter a ameaça nazista. Mesmo que precário, houve um acordo político firmado com os

¹⁴ Dentro do arcabouço repressivo da OGPU (Polícia Secreta de Stalin) havia uma série de métodos. Similarmente à Gestapo e à SS – unidades militares forjadas por Hitler para o controle social e sua segurança particular – a OGPU “era o instrumento que Stalin usou sempre que desejava assegurar a execução de ordens à margem da administração normal e dos procedimentos legais, que iam do despejo forçado dos *gulags*, da fabricação de evidências e confissões falsas, da prisão e do “desaparecimento” de indivíduos, até o gerenciamento das punições e dos campos de trabalho” (BULLOCK, 1998, p. 311, tradução do autor).

¹⁵ Traduzido do original: “I cannot forecast to you the action of Russia. It is a riddle, wrapped in a mystery, inside an enigma; but perhaps there is a key. That key is Russian national interest” (CHURCHILL, 2004, p. 148).

soviéticos, em 1935. O insucesso do alinhamento se deu em razão da relutância francesa em expandir as negociações para a área militar. Mesmo após a fragilidade da aliança França-Inglaterra na Primeira Guerra Mundial, aqueles optaram pela retórica de contenção ao invés de agirem pragmaticamente (KISSINGER, 1994; FERGUSON, 2014). Por fim, depois de falhas estratégicas e grande parcela de autoilusão, o que uniu as democracias ocidentais e os soviéticos foi um objetivo comum: frear Hitler.

O elemento capaz de desestabilizar a balança em favor dos Aliados (aliança formada, entre outros, por Estados Unidos, França, Reino Unido e União Soviética), tanto na Primeira quanto na Segunda Guerra, foi o mesmo: os Estados Unidos. Adeptos do isolacionismo durante grande parte do século XIX, os norte-americanos souberam incorporar os preceitos da *Realpolitik* no âmbito de sua política externa, notadamente, no decorrer da primeira metade do século XX. No próximo subcapítulo, portanto, será realizada uma análise acerca das tomadas de decisão e das ações estadunidenses à luz da *Realpolitik*.

3.3 A Realpolitik nos Estados Unidos

269

A longo prazo, [...] foi a singularidade da versão americanizada da *Realpolitik* que possibilitou um melhor guia para a política externa dos Estados Unidos (BEW, 2015, p. 122, tradução do autor¹⁶).

Ao longo do século XIX, a posição dos Estados Unidos em relação aos conflitos ocorridos na Europa foi de distanciamento. Voltados para sua realidade interna desde sua independência em 1776, os norte-americanos pouco tinham a ganhar com a interferência nos assuntos europeus. Essa realidade foi se alterando à medida que o desenvolvimento doméstico crescia e o isolacionismo já não supria as carências do Estado. Não sem muita discussão, já no final dos anos de 1890, essa estratégia internacional ganhou uma rival: a *Realpolitik*. Considerando-se todas as potências da época, os Estados Unidos foram o último Estado a se debruçar sobre os estudos da *Realpolitik* (BEW, 2015). Ao contrário da interpretação pejorativa realizada pelos ingleses, em um primeiro momento, os norte-americanos souberam adaptá-la ao seu contexto e aos seus interesses externos.

¹⁶ Traduzido do original: “Over the longer-term [...] it was the uniquely Americanized version of *realpolitik* that was to provide a better guide to United States foreign policy” (BEW, 2015, p. 122).

Nesse ínterim, em 1933, Franklin Delano Roosevelt assumiu a presidência dos Estados Unidos. Em grande parte de seus mandatos – que se encerraram em 1945 com sua morte –, Roosevelt teve de lidar com a ascensão de regimes totalitários na Europa e a volumosa pressão popular em defesa da manutenção da insularidade. No decorrer da década de 1920 houve uma ambivalência do estado de espírito norte-americano que pendia entre a defesa de princípios de aplicação universal e uma necessidade de legitimá-los em nome de uma postura isolacionista, fazendo com que Roosevelt – na linha de seus predecessores – não alterasse substancialmente as linhas da política externa estadunidense (KISSINGER, 1994).

Historicamente, por outro lado, a diplomacia dos Estados Unidos sempre apresentou características *sui generis*. Mesclando traços de distanciamento dos assuntos globais, premissas da *Realpolitik*, aspectos legais e ideologia Roosevelt, no entanto, conduziu sua política externa de encontro ao preceito da segurança coletiva apregoado na Europa. Para ele, a ordem mundial estabelecida após o Tratado de Versalhes era considerada frágil e ineficaz na contenção de um novo conflito, uma vez que dava margem à emergência de figuras como Hitler. Winston Churchill partilhava deste pensamento e ia além ao afirmar que a Segunda Guerra Mundial poderia ter sido facilmente evitada.

Um dos motivos pelos quais Roosevelt abandonou gradualmente a neutralidade foi a rendição francesa, em maio de 1940. Dada a já frágil posição britânica, Roosevelt considerou a tomada de Paris uma ameaça à segurança dos Estados Unidos, uma vez que o Atlântico se equiparava em importância estratégica ao Canal da Mancha para os governantes britânicos (KISSINGER, 1994). Após a queda da França e da Operação Barbarossa, de 1941, a entrada dos norte-americanos na guerra era urgente. Conforme os planos imperialistas alemães se concretizavam e milhões eram exterminados em campos de concentração, a justificativa norte-americana para declarar guerra à Hitler se baseava menos nos princípios e valores e mais na defesa da segurança de seu país (KISSINGER, 1994). A *Realpolitik* estava de volta à política externa dos Estados Unidos.

Para tomar tal decisão, contudo, Roosevelt necessitava do suporte popular. Ciente de que o sentimento revisionista de Hitler afetaria diretamente a sobrevivência de seu Estado, o líder norte-americano moldou as convicções da população ao encontro de sua estratégia. Com traquejo diplomático Roosevelt foi capaz de convencer a população dos perigos de se ignorar o conflito

europeu, colocando a segurança nacional dos Estados Unidos em risco (KISSINGER, 1994). Outro fator determinante para a entrada na guerra foi o ataque aéreo japonês à base naval de Pearl Harbour, no qual grande parcela da frota norte-americana do Pacífico fora destruída. Com isso, o apelo interno a favor do abandono de uma postura insular e de acordo com a estratégia de Roosevelt aumentou.

Por adotar linhas de política externa singulares, Roosevelt aliava os interesses dos Estados Unidos a seu idealismo peculiar. Já com vistas a estruturação de uma ordem mundial pós-guerra e a disseminação dos princípios democráticos da paz e da liberdade ocidentais, resumiu suas pretensões com o conflito: defesa da liberdade de expressão, da liberdade de culto, a libertação da vontade e a libertação do medo (KISSINGER, 1994). Desse modo, elucidou, não somente às potências inimigas como também aos seus aliados, as diretrizes que seriam a base da atuação internacional dos Estados Unidos dali em diante. Direcionado especialmente à União Soviética, este discurso se tornaria a tônica durante o conflito que opôs ambos os Estados durante toda a segunda metade do século XX.

4 A inserção da Realpolitik na Teoria da Tripolaridade de Schweller: a importância do conceito e sua relação com a distribuição de poder global

271

Para alguns historiadores, a resposta sobre as imediatas causas da Segunda Guerra Mundial recai destacadamente sobre a figura de Adolf Hitler. Em contrapartida, há outro grupo que, apesar de não refutar a relevância do ditador nesse contexto, aponta em direção a uma série de outras justificativas plausíveis. Entre os primeiros estão o então primeiro-ministro inglês Winston Churchill, Henry Kissinger e Eric Hobsbawm. De acordo com Churchill (2002, p. 230, tradução do autor¹⁷): “Uma vez que à Alemanha de Hitler foi permitido se rearmar sem a interferência ativa dos Aliados e das antigas potências associadas, uma segunda guerra mundial era quase certa”. Nessa mesma linha, Hobsbawm (1994, p. 43) afirma que:

As origens da Segunda Guerra Mundial produziram literatura histórica incomparavelmente menor sobre suas causas do que as da Primeira, e por um motivo óbvio. Com as mais raras exceções, nenhum historiador sério jamais duvidou de que a Alemanha, Japão e (mais hesitante) a Itália foram os agressores [...] Em termos mais simples, a pergunta sobre quem ou o que causou a Segunda Guerra Mundial pode ser respondida em duas palavras: Adolf Hitler (HOBSBAWM, 1994, p. 43).

¹⁷ Traduzido do original: “Once Hitler’s Germany had been allowed to rearm without active interference by the Allies and former associated Powers, a second World War was almost certain” (CHURCHILL, 2002, p. 230).

Ainda na visão de Hobsbawm, o caminho para o conflito de 1939 estava há muito sendo pavimentado pelas três potências agressoras. Exemplo disso foi a invasão da Manchúria pelo Japão, em 1931; a tomada da Etiópia por Mussolini, em 1935; e a ocupação da Áustria e da Tchecoslováquia por Hitler, em 1938 (HOBSBAWM, 1994). Para o autor, estas atitudes expansionistas foram consequências do sentimento revisionista, sobretudo alemão, em relação ao acordo firmado após a Primeira Guerra. Muito embora Japão e Itália tenham saído vitoriosos deste conflito, ainda assim ansiavam por uma reestruturação do *status quo*. No verão de 1940, Hitler havia se colocado na posição em que ele próprio se transformara em uma das causas da guerra (KISSINGER, 1994).

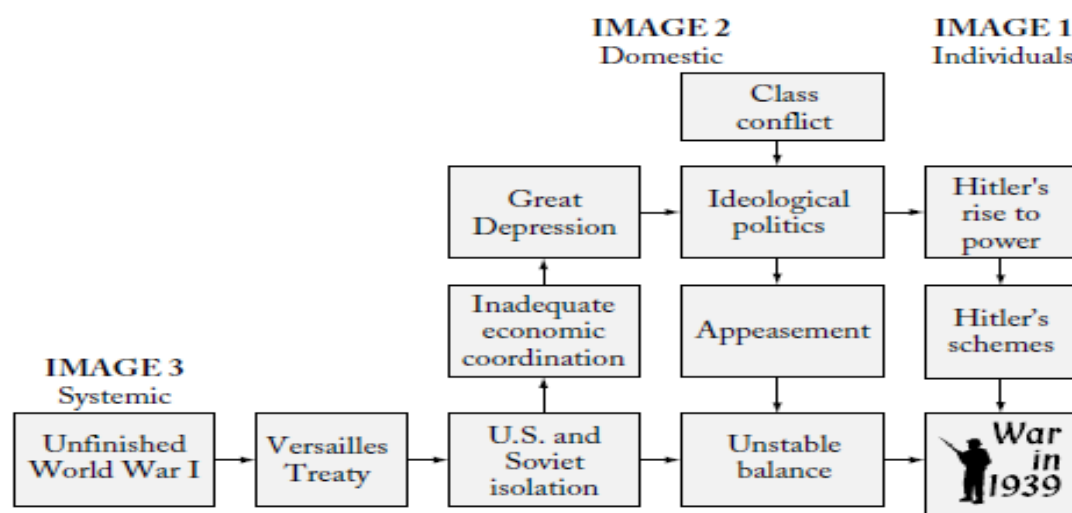
Contudo, há historiadores que defendem outro enfoque. Carr (1987) afirma, por exemplo, que Hitler atuou de fato como um dos motivos para a eclosão da guerra, mas que isso não explicava nada em absoluto. O estudo da história é o estudo das causas e, para isso, deve sempre buscar respostas para as perguntas que surgem com os novos contextos (CARR, 1987). O foco exclusivo no nível unitário faz com que as causas sistêmicas sejam desprezadas.

272 Além de corroborarem a asserção de que Hitler por si só não foi a motivação para o desencadeamento dos eventos de 1939, Nye e Welch acrescentam que uma das provas disso foi a guerra no Pacífico. Tencionando distanciar o exército soviético do palco europeu, Hitler manobrou para que o Japão empregasse suas forças em investidas no Oriente, como a invasão da Sibéria ou de colônias britânicas na região (NYE e WELCH, 2014). Contrariamente ao previsto pelo ditador alemão, os japoneses atacaram a base naval norte-americana de Pearl Harbor. Segundo os autores, ainda, as motivações residiam tanto no âmbito estrutural quanto unitário. Com isso, a análise causal da guerra requer uma interrelação entre os níveis supracitados e a personalidade de Hitler (NYE e WELCH, 2014). No cenário interno dos Estados residia outra razão para o conflito de acordo com Nye e Welch, a saber: o colapso econômico.

Na imagem seguinte Nye e Welch enumeram alguns dos eventos históricos geradores da Segunda Guerra. Percebe-se que há uma interligação entre os fatores internos, individuais e sistêmicos. Isso se dá pelo fato da impossibilidade de examinar as causas do conflito a partir da análise de um fator isoladamente. A ascensão de Hitler ocorreu muito em razão da rigidez das punições do Tratado de Versalhes e do seu sentimento revanchista (FERGUSON, 2014). A isso, junta-se o isolamento soviético e norte-americano em relação à Europa agravado pela Grande Depressão de 1929.

Do ponto de vista doméstico, houve a emergência da ideologia nazista que seduziu milhões em prol da causa. Com isso, pode-se perceber um acirramento dos choques de classes na Alemanha, ainda que o nazismo representasse uma vertente de extrema-direita que rejeitava esse conceito marxista. Por fim, há a incapacidade das democracias ocidentais em traçar planos efetivos na contenção do expansionismo de Hitler.

Figura 2 - Organograma descritivo dos três pilares causais da Segunda Guerra Mundial – sistêmico, doméstico e individual



Fonte: (NYE e WELCH, 2014, p. 138).

Schweller é outro autor que corrobora a afirmação estrutural de Carr e Mearsheimer. Schweller (1998) sustenta que as razões sistêmicas cumpriram um papel relevante na gênese da Segunda Guerra ao revelar um padrão de comportamento e o porquê de certas políticas terem sido bem-sucedidas e outras não. No entanto, indo na contramão das análises até então publicadas como as de Mearsheimer, ele lançou uma nova perspectiva acerca da estrutura pré-1939: a tripolaridade do sistema internacional.

4.1 A Teoria da Tripolaridade de Schweller

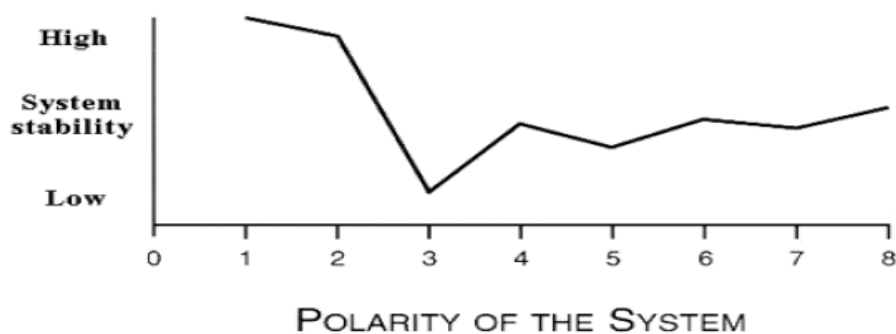
A estrutura do sistema internacional é comumente definida pela quantidade de polos que apresenta, a saber: bipolar ou multipolar¹⁸. Para tanto, basta que haja um cálculo da quantidade de grandes potências dentro do sistema, não importando mais nenhuma variável. Esta perspectiva se torna

¹⁸ De acordo com Waltz a estrutura sistêmica internacional era multipolar até 1945, contando sempre com 5 ou mais potências. A partir de então até a queda da União Soviética em 1989 houve uma ruptura desse paradigma. Em toda a história há somente dois tipos possíveis de disposição dos estados: bipolaridade ou multipolaridade (WALTZ, 1979).

débil na medida em que desqualifica a distribuição de capacidades entre as potências e suas relações. Com o intuito de medir e definir as características dos Estados, Schweller faz uma distinção entre “polos” e “grandes potências menores”. Segundo o autor (1998, p. 17, tradução do autor¹⁹), um Estado é considerado um polo a partir do momento que “[...] tem mais da metade da capacidade militar em relação ao estado mais poderoso no sistema; todas as outras grandes potências são consideradas menores”.

Simplificando, uma aliança entre dois polos quaisquer é capaz, independentemente das circunstâncias dadas, de derrotar o terceiro (SCHWELLER, 1998). Por esta razão, Gilpin (1981, p. 235, tradução do autor²⁰) assevera que “Embora estudantes de Relações Internacionais discordem da estabilidade relativa do sistema bipolar *versus* um sistema multipolar, quase todos concordam que o sistema tripolar é a configuração mais instável”.

Gráfico 1 - Relação entre o grau de estabilidade e a quantidade de polos dentro de um sistema



Fonte: (SCHWELLER, 1998, p. 38).

O gráfico acima relaciona a estabilidade do sistema no eixo vertical com a quantidade de polos dentro desse sistema no eixo horizontal. Nesse exemplo considera-se que, em um sistema tripolar, todos os polos são revisionistas. Com a análise do Gráfico 1, portanto, percebe-se que a tripolaridade provoca uma incessante busca por alinhamentos visando à sobrevivência. Nesse esquema, qualquer aliança entre dois polos é capaz de derrotar o terceiro. Nessa lógica, segundo Schweller, somente em 1935, com a ascensão alemã à categoria de polo, o sistema internacional se torna tripolar – sendo Estados Unidos

¹⁹ Traduzido do original: “half the military capability of the most powerful state in the system; all other Great Powers are classed as LGPs” (SCHWELLER, 1998, p. 17).

²⁰ Traduzido do original: “Although students of international relations disagree on the relative stability of bipolar systems versus multipolar systems, almost all agree that a tripolar system is the most unstable configuration” (GILPIN, 1981, p. 235).

e União Soviética os outros dois. Hitler conseguiu este feito uma vez que rompeu as limitações do Tratado de Versalhes e militarizou a Alemanha, fomentando a economia e a produção bélica. Apesar de ainda não contar com um poderio semelhante ao norte-americano ou soviético, os alemães atingiram, conforme os cálculos de Schweller, a quantidade de recursos mínimos para se tornar um polo. O crescimento se intensifica até 1938. Percebe-se também que, à medida que o número de polos aumenta, a tendência sistêmica é de estabilidade, apontando para uma menor incidência de conflitos.

Isso não significa, entretanto, que as outras grandes potências – Inglaterra, França, Japão e Itália – fossem dispensáveis do ponto de vista de seus recursos estratégicos e possíveis alinhamentos. Elas eram simplesmente grandes potências de um segundo escalão (SCHWELLER, 1998). Apesar de não serem capazes de neutralizar um eventual ataque de um polo por si mesmas, tendo sempre que recorrer a uma coalizão, estas cumpriam um importante papel estabilizador do sistema. O alinhamento de Itália e Japão à Alemanha nazista se deu em termos revisionistas de expansão territorial, o que, de maneira isolada, não teria sido possível. O mesmo ocorre com França e Inglaterra, cuja aliança com Estados Unidos e União Soviética se configurou providencial para o desfecho favorável na Segunda Guerra.

275

Uma das diferenças entre as duas coalizões é que o primeiro grupo, de acordo com Schweller, pode ser descrito como “maximizadores de poder” ou “estados insatisfeitos”, enquanto o segundo pode ser definido como “maximizadores de segurança” ou “estados satisfeitos”. Isso se explica, em linhas gerais, em razão da ânsia por novas conquistas territoriais e elevação do *status* internacional por parte das potências que formavam o Eixo – Itália, Japão e Alemanha. Os Aliados – composto pelas outras quatro grandes potências – prezavam pela maximização da segurança e manutenção do *status quo*²¹, dado que não buscavam nenhum ganho relativo face às outras grandes potências. A única exceção à esta regra era a União Soviética de Stalin, cujos traços de política externa eram em certa medida revisionistas.

Este foi um dos erros de Hitler: comprometer a sobrevivência da Alemanha sem levar em consideração a disposição do sistema internacional. Se este fosse seu objetivo precípua, teria evitado uma coalização entre os outros dois polos e delinear uma aliança de longo prazo com um deles

²¹ Schweller caracteriza as potências de *status quo* como “estados que procuram somente manter seus recursos e para os quais os custos de guerra excedem os ganhos de uma expansão não segura” (1998, p. 40, tradução do autor).

(SCHWELLER, 1998). Em um contexto de tripolaridade, um polo não é capaz de contrabalancear os outros dois exclusivamente a partir de seus recursos internos. O pacto de 1939 com a União Soviética se afigurou como uma manobra diplomática nesse sentido. No entanto, para que fosse efetivo a longo prazo, deveria ter sido mantido por Hitler. A abertura de um segundo *front* no Leste antes mesmo da vitória integral a Oeste foi a saída encontrada por ele para arrematar a guerra. Felizmente, para os Aliados, o *front* oriental não presenciou os mesmos erros que levaram à derrota na Batalha da França anos antes (SCHWELLER, 1998).

Ao mesmo tempo em que rompia o pacto de não-agressão com Stalin, Hitler evitava qualquer atitude provocativa em relação aos Estados Unidos. Seu *Stufenplan*²² dependia em grande proporção da continuidade da posição isolacionista dos norte-americanos. Para tal, conteve as críticas ao presidente Roosevelt vinculadas nos meios de comunicação alemães e evitou tecer comentários sobre suas diretrizes de política externa (SCHWELLER, 1998). Anteriormente à entrada dos Estados Unidos na guerra, Hitler ordenou que submarinos alemães não entrassem em rota de colisão com os norte-americanos, e, caso isso ocorresse, que não houvesse qualquer tipo de provocação.

276

Até 1941, portanto, as ações de Hitler – no que diz respeito aos outros dois polos do sistema – foram em certa medida pragmáticas do ponto de vista tático. Por um lado, optou por não perturbar a grande democracia americana. Do outro, costurou um pacto com a União Soviética de Stalin. O planejamento estratégico de Hitler, todavia, deixou o pragmatismo de lado e assumiu um viés ideológico quando a Operação Barbarossa foi debelada.

4.2 Inserção da Realpolitik em Hitler na Teoria da Tripolaridade de Randall Schweller

Muito embora propicie uma nova visão sobre a disposição do sistema internacional pré Segunda Guerra, uma das lacunas da teoria de Schweller é não delimitar a variável que condiciona o posicionamento do Estado no cenário. É nesse ponto em que a *Realpolitik* será inserida na Teoria da Tripolaridade. O conceito explica em grande medida a razão pela qual um ator opta pelo revisionismo ou pelo *status quo*, cabendo ao governante a decisão de utilizá-lo. A estrutura internacional constrange

²² “As raízes do programa de Hitler,” segundo Schweller (1998, p. 77, tradução do autor) “o *Stufenplan* como definido em *Minha Luta* em 1925, são facilmente rastreadas até a era [...] Wilhelminiana. No final do século dezenove, geopolíticos alemães propuseram um plano de dois estágios para a Alemanha atingir o *status* de potência mundial: primeiro, a criação de uma base continental, seguida de uma ultramarina expansão colonial”.

e molda os interesses e as ações dos Estados nela presentes. Contudo, a sobrevivência estatal repousa na disposição de seu líder em enxergar o sistema com a lente da *Realpolitik*.

Hitler traçou esse caminho até meados de 1941 em momentos cuja conveniência se adaptava aos seus interesses privados. O motivo pelo qual ele desviou desta rota vitoriosa se explica pela abdicação da *Realpolitik*, neste mesmo ano. A explicação para isso reside na ânsia de Hitler em anular a “ameaça comunista” que vinha do Leste, ignorando a parceria com Stalin. O líder alemão julgava que seu país estava preparado em termos de recursos militares para fazer frente ao Exército Vermelho. Seus cálculos estratégicos não poderiam estar mais incorretos.

Após as restrições do Tratado de Versalhes, a República de Weimar figurava como uma força periférica no continente europeu. As imposições foram além do campo militar: a rica região mineral da Alsácia-Lorena foi anexada pela França; territórios a leste foram cedidos à Polônia; foi decretada a perda de todas as colônias ultramarinas; o exército não deveria exceder os 100 mil homens; foram estabelecidos pagamentos de reparações aos países vencedores; e, por fim, a declaração de culpa alemã por toda a destruição causada durante o conflito (BELL, 2007).

277

A segunda metade da década de 1930, todavia, presenciou crescimentos significativos nas esferas econômica e militar alemães. Dessa forma, ao analisar-se a posição estratégica de Hitler em fins de 1939 é possível inferir que a Alemanha possuía todos os recursos e alianças necessários para estruturar um império na Europa continental e manter a paz com Stalin no Leste. Nesse sentido, não havia uma ameaça imediata geograficamente próxima que justificasse uma invasão à União Soviética ou até mesmo uma declaração de guerra aos Estados Unidos.

À luz da teoria de Schweller, a configuração da estrutura internacional imediatamente anterior à ocupação da União Soviética por Hitler era de uma tripolaridade constituída pelas seguintes características: o polo mais forte – representado pelos Estados Unidos – era defensor do *status quo* vigente; o segundo – a União Soviética – tinha traços de um Estado revisionista com objetivos limitados; e, por fim, a Alemanha nazista como terceiro polo revisionista com objetivos ilimitados. Dada a distribuição de poder entre os polos não igualitária e a iminência de um conflito, a *Realpolitik* seria mais bem representada na forma de uma coalização entre os dois polos menores que compartilhassem de uma visão revisionista. Em caso de vitória desta aliança, a estrutura se estabiliza e retornar à bipolaridade.

Em um exemplo prático, a teoria de Schweller aponta que uma das falhas de Hitler – sendo o polo com menos recursos – foi ignorar essa premissa, desrespeitando o acordo com Stalin e declarando guerra simultaneamente aos outros dois polos. Ainda de acordo com a teoria, Hitler foi responsável pela emergência da coalizão que, mais tarde, o derrotaria (SCHWELLER, 1998). A opção mais razoável de alinhamento com vistas à derrubada da balança de poder europeia vigente e à expansão territorial, tanto para Hitler quanto para Stalin, era a manutenção do pacto Ribbentrop-Molotov (SCHWELLER, 1998).

Assim como Hitler, Stalin possuía metas que seriam realizadas somente com a desestruturação da ordem vigente na Europa. Para tanto, o líder soviético primou pelo fortalecimento da indústria doméstica e elevação quantitativa do exército. Essa é uma das justificativas para, em 1935 e 1938, a União Soviética ter logrado maior poder relativo se comparado com os Estados Unidos (SCHWELLER, 1998). Esses incentivos bélicos serviam também como um mecanismo de demonstração de poder frente aos alemães. Conforme Kotkin (2017, tradução do autor²³), Stalin:

Supervisionou a formação de 125 novas divisões apenas desde 1939, e o Exército Vermelho situava-se com 5.37 milhões de tropas, a maior força militar do mundo. Possuía 25,000 tanques e 18,000 aviões de combate, de três a quatro vezes o tamanho dos estoques alemães. Stalin sabia que a Alemanha estava subestimando essa força massiva por preconceito e também por ignorância.

Nestes anos em que houve uma alternância entre norte-americanos e soviéticos como polo mais forte do sistema, Stalin poderia ter adotado uma política expansionista ilimitada. Poderia, até mesmo, neutralizar a ameaça nazista sem depender dos recursos de qualquer outro aliado. Estas atitudes, entretanto, não faziam parte de sua estratégia de política externa. Mesmo ciente de que Hitler voltaria seu poderio bélico em direção à fronteira soviética, Stalin conseguiu adiar esta investida em cerca de dois anos. Este tempo foi suficiente para robustecer a indústria soviética e se aproveitar das vantagens tecnológicas alemãs advindas do pacto de não-agressão, de 1939.

Isso indica que os ganhos relativos foram significativos para a União Soviética. É a partir de então que a *Realpolitik* de Stalin se cristaliza. O líder soviético se aproveitou da urgência de Hitler em

²³ Traduzido do original: “overseen the formation of 125 new divisions just since 1939, and the Red Army now stood at 5.37 million troops, the largest military force in the world. It had 25,000 tanks and 18,000 fighter planes, three to four times the size of Germany’s stocks. Stalin knew that Germany was underestimating this massive force out of prejudice as well as ignorance” (KOTKIN, 2017).

pacificar o *front* Leste e extraiu vultuosas vantagens, sejam elas territoriais, tecnológicas ou estratégicas. Em detrimento da segurança alemã e com o objetivo de se tornar o mestre do continente, Hitler fez concessões demasiado relevantes a Stalin. O líder germânico, no entanto, tinha consciência de que tais comportamentos poderiam levar a um conflito que colocaria a sobrevivência da Alemanha em risco (SCHWELLER, 1998).

Schweller (1998) mostra que, ao evitar cometer as mesmas falhas do governo alemão durante a Primeira Guerra Mundial, Hitler se põe diante de um cenário não muito diferente daquele de 1918. Apesar de contar com vastos recursos, o ditador alemão não levou em consideração a magnitude da aliança entre os outros dois polos de poder do sistema: Estados Unidos e União Soviética.

5 Conclusão

Este estudo se propôs a debater sobre a relação entre o ditador alemão Adolf Hitler e a utilização da *Realpolitik*. Pretendeu-se assimilar os reais axiomas da *Realpolitik*, conceito de suma importância nas Relações Internacionais. Desse modo, analisou-se as ações do *Führer* à procura de indicativos que confirmassem a utilização da *Realpolitik* no âmbito da política externa. Nesse contexto, inferiu-se que o processo de tomada de decisão de Stalin e Roosevelt foi baseado eminentemente nos princípios da *Realpolitik*. Em grande medida, isso justifica o sucesso que obtiveram no desfecho da Segunda Guerra. Para tanto, foi necessária a incorporação da Teoria da Tripolaridade de Schweller no entendimento do panorama da distribuição de poder global, sobretudo nas décadas de 1930 e 1940.

Nesse sentido, a teoria possibilitou realizar uma interrelação entre os três polos do sistema e esclarecer quais suas posturas diante da dinâmica internacional. Inferiu-se que Hitler empregou uma linha de política externa ora com contornos de *Realpolitik* ora ideológicos. O paradigma divisório imprescindível se encontra na invasão da União Soviética. Com a abertura de um segundo *front*, Hitler abdicou das conquistas que até então realizara e pôs em risco a sobrevivência da Alemanha. Nesse momento, os interesses particulares e a ideologia segregacionista de Hitler suplantaram o bem-estar da população alemã.

É no momento de resistência inglesa, em 1940, que Hitler abandonou a *Realpolitik*. Com base no conceito e na Teoria da Tripolaridade de Schweller fica evidente que, ao acreditar precipitadamente

na vitória no *front* ocidental e ordenar o desencadeamento da Operação Barbarossa, Hitler agiu intempestivamente. Ao abrir um segundo *front* a Leste, Hitler cometeu três erros cruciais: subestimação das capacidades inglesas de recuperação; invasão de um polo mais forte de poder que até então adotava uma postura de neutralidade no conflito; e, por fim, declaração de guerra aos Estados Unidos – polo com os maiores recursos dentro do sistema –, ao final de 1941. Com isso, a distribuição de poder global pendeu a favor de uma coalizão com vistas à derrubada do ditador alemão, ainda que este tivesse sob seu domínio grande parte do continente europeu. A *Realpolitik* indicaria que uma aliança duradoura com Stalin seria a melhor opção para a sobrevivência da Alemanha.

Em suma, tencionou-se demonstrar a validade da *Realpolitik* e sua importância na condução de uma política externa em prol da manutenção do Estado. A hipótese inicial de que Hitler baseava-se exclusivamente por sua ideologia não se comprovou. Isso ocorre uma vez que não foi possível realizar uma rotulação do líder germânico. Hitler se utilizou da *Realpolitik* somente em momentos que atendiam à sua conveniência. Dessa maneira, essa ausência de linearidade na condução da política externa inviabiliza a asserção de que Hitler era *per se* um ideólogo ou um *Realpolitiker*.

6 Referências

- BELL, P.M.H. **The Origins of the Second World War in Europe**. 3ª ed. New York: Routledge. 2007.
- BEW, J. **Realpolitik: a history**. New York: Oxford University Press.
- BULLOCK, A. 1998. **Hitler and Stalin: Parallel Lives**. 2ª ed. London: Fontana Press. 2015.
- CARR, E. H. **What is History?** 2ª ed. London: Penguin Books. 1987.
- CHURCHILL, W. S. **Never Give In!: The Best of Winston Churchill's Speeches**. New York: Hyperion. 2004.
- CHURCHILL, W. S. **The Gathering Storm**. Electronic edition. New York: Rosetta Books. 2002.
- FERGUSON, N. **O Horror da Guerra: uma provocativa análise da Primeira Guerra Mundial**. São Paulo: Planeta. 2014.
- GILPIN, R. **War and Change in World Politics**. New York: Cambridge University Press. 1981.

GORODETSKY, G. The Impact of the Ribbentrop-Molotov Pact on the Course of Soviet Foreign Policy. **Cahiers du monde russe et soviétique**, Tel Aviv, v. 31, n. 1, p. 27-41. 1990.

HASTINGS, M. **Inferno**: o mundo em guerra 1939-1945. Rio de Janeiro: Intrínseca. 2011.

HOBSBAWM, E. **Era do Extremos**: O breve século XX 1914-1991. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.

KISSINGER, H. **Diplomacy**. New York: Simon & Schuster. 1994.

KOTKIN, S. When Stalin faced Hitler: Who fooled Whom? **Foreign Affairs**. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/russia-fsu/2017-09-19/when-stalin-faced-hitler?cid=int-lea&pgtype=hpg>. Acesso em: 22 set. 2017. MEARSHEIMER, J. J. 2001. **The Tragedy of Great Power Politics**. New York: W.W. Norton & Company. 2017.

MONTHLY, Military History. **Operation Barbarossa Map, 1941**. Disponível em: <https://www.military-history.org/articles/operation-barbarossa-map-1941.htm>. Acesso em: 20 set. 2017. 2011.

MOORHOUSE, R. **The Devil's Alliance: Hilter's Pact with Stalin, 1939-1941**. New York: Basic Books. 2014.

281 NYE, J. S.; WELCH, D. **Understanding Global Conflict & Cooperation**: Introduction to Theory & History. 9ª ed. London: Pearson Education Limited. 2014.

OVERY, R. **The Dictators**: Hitler's Germany and Stalin's Russia. London: Penguin Books. 2004.

SCHWELLER, R. **Deadly Imbalances**: Tripolarity and Hitler's Strategy of World Conquest. New York: Columbia University Press. 1998.

SMITH, W. **The Ideological Origins of Nazi Imperialism**. New York: Oxford University Press. 1986.

TAYLOR, A.J.P. **The Origins of the Second World War**. New York: Atheneum. 1961.

WALTZ, K. **Theory of International Politics**. Berkeley: Addison-Wesley Publishing Company. 1979.

Realpolitik and the Tripolarity Theory: causes of Hitler's defeat in World War II

ABSTRACT This work aims to debate the concept of Realpolitik inserted in the scope of the Second World War, especially in the figures of Joseph Stalin, Franklin Delano Roosevelt and Adolf Hitler. Realpolitik enables the leader to appreciate the survival of his state. We sought to understand the extent to which Hitler's adherence to the concept was important to the outcome of World War II. We will use the qualitative bibliographic methodology as a research source, accessing works in Portuguese and English. Another constitutive pillar of this article is the innovative Tripolarity Theory developed by Randall Schweller, whose basic premise indicates the United States, Germany and the Soviet Union as the three poles of world power in the 1930s. Realpolitik will be inserted in Schweller's Theory for the best understanding of the reasons for the German defeat in 1945. In the end, we realized that Hitler conducted his foreign policy from the convenience of his own interests.

KEYWORDS: Realpolitik; Hitler; Second World War; Tripolarity.

Realpolitik y Teoría de la Tripolaridad: causas de la derrota de Hitler en la Segunda Guerra Mundial

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo debatir el concepto de Realpolitik insertado en el ámbito de la Segunda Guerra Mundial, especialmente en las figuras de Joseph Stalin, Franklin Delano Roosevelt y Adolf Hitler. La Realpolitik permite al líder apreciar la supervivencia de su estado. Intentamos comprender hasta qué punto la adhesión de Hitler al concepto fue importante para el resultado de la Segunda Guerra Mundial. Utilizaremos la metodología bibliográfica cualitativa como fuente de investigación, accediendo a trabajos en portugués e inglés. Otro pilar constitutivo de este artículo es la innovadora Teoría de la Tripolaridad desarrollada por Randall Schweller, cuya premisa básica señala a Estados Unidos, Alemania y la Unión Soviética como los tres polos del poder mundial en la década de 1930. Realpolitik se insertará en la Teoría de Schweller para los mejores comprensión de las razones de la derrota alemana en 1945. Al final, nos dimos cuenta de que Hitler conducía su política exterior desde la conveniencia de sus propios intereses.

PALABRAS CLAVE: Realpolitik; Hitler; Segunda Guerra Mundial; Tripolaridad.